



Foca na Pauta

### Alunos da Unisantos falam sobre ocupação humana no Vale do Quilombo

Pesquisador observa 'in loco' as mudanças na região, desde os anos 70. Vale, situado na Área Continental de Santos, no litoral paulista, é tombado pelo CONDEPHAAT desde 1988.

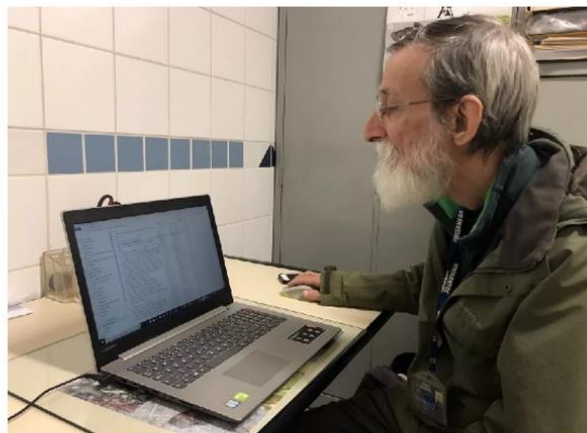
HÁ 3 SEMANAS · EM EDUCAÇÃO

## Biólogo denuncia impactos da ocupação humana no Vale do Quilombo, em SP

Pesquisador observa 'in loco' as mudanças na região, desde os anos 70. Vale, situado na Área Continental de Santos, no litoral paulista, é tombado pelo CONDEPHAAT desde 1988.



Por Gabriel Gatto\*  
30/06/2018 06h19 - Atualizado 30/06/2018 06h19



Professor Francini estuda há 40 anos as espécies de borboletas no Vale do Quilombo (Foto: Gabriel Gatto)

A ocupação humana começa a impactar de forma negativa o Vale do Quilombo, na Área Continental de Santos, no litoral de São Paulo, ameaçando diretamente as espécies locais. A avaliação é do biólogo Ronaldo Bastos Francini, que pesquisa a região e observa suas mudanças ao longo de mais de 40 anos. O vale é tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT) desde 1988.

Por estar cercada pela Serra do Mar, a região sofreu menos impactos da ação humana do que áreas urbanas, principalmente pela intensa urbanização da Baixada Santista nos últimos 50 anos. No entanto, os sinais da ocupação humana começam a aparecer, afirma Francini, e ficam evidentes com áreas desmatadas, visíveis a partir de imagens de satélites e pela iluminação das áreas ocupadas.

O biólogo já fez mais de 500 visitas ao local e acompanhou, assim como quem mora no Vale do Quilombo, as consequências trazidas pela exploração de recursos naturais nas últimas quatro décadas. Ele também se dedica à pesquisa de borboletas, que registrou, coletou e catalogou em dezenas de artigos científicos.

As primeiras pesquisas de campo de Francini no Vale do Quilombo aconteceram na década de 1970. Desde então, o biólogo passou a ir frequentemente à região, registrando cada uma das idas com data e horário, bem como os resultados.

Hoje, a pesquisa de Francini refere-se à conservação de áreas ameaçadas, a fim de criar meios de proteção a ambientes como o Vale do Quilombo. “Meu objetivo é estudar o que ainda pode ser estudado, e criar trabalhos científicos que deem embasamento à criação de novas unidades de conservação florestal”.



Vale do Quilombo (Foto: Divulgação/Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo)

Francini diz que não é “uma pessoa política”. Sua intenção é criar trabalhos e artigos para que, quando “alguém politicamente ativo” tiver interesse em proteger aquela região, consiga embasamento teórico para garantir que ela seja preservada.

Para o biólogo, a proteção ambiental parte de dois princípios. Um deles é a conscientização das pessoas que já moraram em áreas protegidas. O outro é a punição dos infratores. “A educação é algo que fazemos hoje para vermos os efeitos daqui a 15, 20 anos. Mas só a educação não resolve a situação”.

As unidades de conservação são áreas criadas pelo Poder Público que envolvem territórios e seus recursos ambientais, para fins de preservação ecológica. O Vale do Quilombo, parcialmente protegido, conta com um histórico de ameaças ambientais.

A mais emblemática foi a proposta de criação de um distrito industrial, ainda nos governos militares. Ele explica que, durante a Ditadura, o então interventor general Bandeira Brasil desapropriou a área para construir um distrito industrial. O projeto não teve continuidade por falta de recursos financeiros.

“Isso foi antes da Constituição de 1988, que reformulou as leis de proteção ambiental”, diz Francini. “Caso o distrito tivesse sido implementado, o Vale do Quilombo seria como Cubatão, com todos os seus problemas de poluição e degradação ambiental”, afirma.

As centenas de visitas do biólogo ao local resultaram em um de seus oito livros, lançado em 2010. Nele, estão reunidos mais de 40 anos de pesquisas e coletas de dados envolvendo as transformações da paisagem da região, e a interação com os moradores e as espécies de borboletas locais.

De acordo com o biólogo, as borboletas encontradas no Vale do Quilombo são de incidência endêmica, ou seja, aparecem somente nessa região, e precisam de atenção e cuidados, principalmente referentes à área de mata em que se encontram, protegida parcialmente pelo Parque Estadual da Serra do Mar.

### **Interesse pela pesquisa**

Cercado por instrumentos de laboratório, microscópios, revistas científicas e armários recheados de gavetas contendo exemplares de borboletas e formigas, dos mais variados tamanhos e espécies, Ronaldo relembra as origens de sua paixão pela natureza:

“Eu gosto da natureza desde pequeno — meu primeiro contato foi na casa em que minha avó morava, havia muitas plantas, o que atraía insetos e borboletas. Quando mais velho, e meus pais passaram a me deixar sair de casa, eu e alguns amigos fazíamos, anualmente, o caminho de Santos a São Sebastião — naquela época não havia a Rio-Santos — a pé, e íamos acampando. No caminho, eu ia olhando a natureza e coletando bichos”.

O prazer pela leitura contribuiu para o interesse do biólogo e durante a adolescência, a partir de uma publicação na revista *Seleções*, Francini entrou em contato com o pesquisador norte-americano Keith Brown — que viria a ser seu orientador de Mestrado e Doutorado —, interessado em seu estudo sobre borboletas.

Posteriormente, na década de 1970, Francini passou a atuar como técnico de laboratório pelo Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (USP), e entrou para a graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Católica de Santos (Unisantos), em 1983. Hoje, o biólogo é pesquisador e professor universitário.

*\*Sob supervisão de Ivair Vieira Jr, do G1 Santos*